

## Literatura infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento

10

Salete Rosa Pezzi dos Santos\*

**Resumo:** A literatura infantil encontra-se povoada de personagens femininas como figuras centrais de narrativas, algumas delas, famosas e populares. A partir de 1980, surgiram autores que apresentam obras de reconhecido valor estético, nas quais personagens femininas mirins têm um lugar de destaque. Fala-se, por exemplo, de Isabel (Bel), personagem narradora da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, que percorre um caminho rumo à autonomia. O presente trabalho volta-se para a representação de um sujeito feminino que, ainda em tenra idade, consegue estabelecer um diálogo entre épocas diferentes, apresentando visões diversas da mulher, uma antiga, Bisa Bia, típica do século XIX, e outra, Bel, moderna, independente, do fim do século XX.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Sujeito feminino. Representação.

**Abstract:** The child literature is inhabited by female characters as central figures of the narrative, some of them famous and popular. The decade of 1980 saw the raise of authors who introduce works that have recognized aesthetic value in which female characters play a prominent role. For example, Isabel (Bel), narrator character from the work *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), by Ana Maria Machado, who is lead through a path toward her autonomy. This paper is concerned with the representation of a female subject who even in its early age is able to establish a dialogue between different epochs, presenting different women perspectives, the old one, Bisa Bia, XIX century representative, and the other one, modern, independent, from the late XX century.

**Keywords:** Child literature. Female subject. Representation.

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

De tanto ela falar em experiência, experimentei tapar os ouvidos com algodão, mas não deu certo, porque a voz dela vem de dentro de mim. Aí resolvi cantar bem alto, mais alto do que ela, e canto uma música que eu mesma inventei.

Isabel (MACHADO, 1981)

A literatura infantil, desde os contos clássicos até as produções contemporâneas, oferece um leque de personagens femininas, tornando-se, algumas delas, famosas e populares, tais como Cinderela, Alice, Emília. No século XX, a partir dos anos 80, no Brasil, surgem autores que produzem obras de reconhecido valor estético, nas quais personagens femininas mirins têm um lugar de destaque. É o caso de Isabel (Bel), personagem narradora da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Machado, que empreende, ao longo da narrativa, uma trajetória rumo ao autoconhecimento e à independência, partindo do convencionalismo representado por Bisa Bia, até a conquista de autonomia na figura de Neta Beta.

Também nessa mesma década, intensificam-se estudos que colocam em pauta questões referentes às diferenças de gênero e às formas de subordinação da mulher na sociedade. Essas pesquisas fomentaram, de acordo com Schmidt (1995, p. 182), “discussões que vão da construção cultural do sujeito do gênero (masculino/feminino) nos sistemas de representação simbólica ao questionamento dos aspectos logo e etnocêntrico da episteme ocidental moderna”.

Essas duas vertentes de investigação entrecruzam-se, no momento em que o foco de interesse volta-se à representação do sujeito feminino em obras de literatura infantil e juvenil. Nesse percurso, torna-se relevante colocar em discussão uma produção literária representativa, recaindo a atenção sobre *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), cujo universo narrativo estabelece um diálogo entre épocas diferentes, apresentando visões diversas do sujeito feminino. Num extremo, encontra-se Bisa Bia, cuja percepção de vida remonta ao século XIX, e, no outro, Isabel, a protagonista, jovem moderna, autônoma, representativa de uma sociedade do fim do século XX. Ao se buscar discutir questões de gênero, presentes na obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, é interessante retomar as palavras de Zilberman que afirma:

*Bisa Bia, Bisa Bel* é o que se poderia chamar de livro feminista, não apenas porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história... [...]. Mas também porque elege um ângulo feminino para traduzir essas questões, revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado das experiências vividas. (2005, p. 85).

Isso remete a pensar sobre a potencialidade da obra de arte como forma de reflexão sobre o ser humano e sua circunstância, auxiliando-o a ter mais segurança diante de suas próprias vivências. Para Lima (1969, p. 35) a obra literária “expressa uma visão articulada do tempo”, visão que oportuniza ao leitor “entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico, pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir dessa compreensão”. A literatura parece cumprir, assim, um importante papel, pois, enquanto diverte o leitor, proporciona-lhe caminhos que o levam ao autoconhecimento necessário à sua formação como ser humano, à organização de sua personalidade. Pela potencialidade de transgressão que lhe é inerente, a obra literária permite ao leitor um trajeto de entendimento que, possivelmente, não alcançaria se fosse privado desse processo. Zilberman (1982), enfatiza essa questão, ao afirmar que a obra literária pode servir de ponte para o infante alcançar maior compreensão da realidade circundante:

Se a criança – devido não só à sua circunstância social, mas também por razões existenciais – se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É este lugar que a literatura infantil preenche de modo particular, porque, ao contrário da pedagogia ou dos ensinamentos escolares, ela lida com dois elementos que são especialmente adequados para a conquista desta compreensão do real: – com uma história que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria; [...]  
– com a linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo, de modo que, propiciando, através da leitura, um alargamento do domínio lingüístico, a literatura infantil preencherá uma função de conhecimento. (1982, p. 13).

Na medida em que o foco narrativo de *Bisa Bia, Bisa Bel* elege a voz infantil – na personagem Isabel –, para traduzir experiências do universo feminino, conferindo maior autenticidade às experiências vividas por essa personagem, revela um sujeito – Isabel e, por identificação, o jovem leitor –, capaz de lidar com seus sentimentos e emoções, numa trajetória em busca do autoconhecimento.

A partir do contraponto que se estabelece entre as vivências de Bisa Bia e as descobertas de Isabel, descortinam-se as coordenadas de um universo feminino repleto de contradições. A personagem Bisa Bia remete ao modelo de comportamento feminino que encontrava, no casamento, sua única alternativa de vivência. Assim, ideias que enfatizavam a relevância do espaço privado como ideal de vida feminina, no século XIX e início do XX, atenderam aos interesses de quem as difundia, acabando por influenciar profundamente o pensamento de mulheres e homens, o que determinou a propagação da crença de que a valorização da mulher atrelava-se à sua dedicação exclusiva ao lar, como mãe e esposa. A divulgação de ideias como essas levaram o sujeito feminino a um comportamento determinado pelas convenções da sociedade, essencialmente patriarcal, pois, de acordo com Showalter,

educadas de modo a acreditar que a principal superioridade da mulher residia na sua maior espiritualidade e na sua falta de paixão, mesmo pensadores feministas de vanguarda do *fin de siècle* encontravam dificuldade para reconciliar sua visão de uma nova ordem social com uma aceitação ou um endosso da sexualidade feminina. (1993, p. 39).

Soihet (1997, p. 106), remetendo a considerações de Chartier, destaca, na dominação masculina, “o peso do aspecto simbólico, que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação”, acarretando a sucessão de várias gerações antes que a voz de mulheres revolucionárias pudesse ser ouvida na busca pelo direito à participação do espaço público, com todas as implicações daí advindas.

Assim, excluída do processo fundador do pensamento moderno, a mulher teve seu discurso cada vez mais desautorizado, ainda que, de acordo com Felsky (1995), a sociedade moderna aponte para uma lógica iluminista de igualdade, fraternidade e identidade. Entretanto, em especial, o século XIX irá determinar, cada vez mais acentuadamente, limites inflexíveis entre o *eu* público e o privado, de forma a fixar as diferenças de gênero em aspectos presumivelmente naturais e inalteráveis.

Tudo indica que as relações entre os sexos eram, antes de tudo, relações de poder, e marcaram a história feminina, visto que as poucas mulheres que se permitiam alguma iniciativa que vislumbrasse horizontes de atuação fora dos limites domésticos encontravam sérios obstáculos para concretizar seu intento. Medidas de proteção em relação às mulheres tinham um único objetivo: mantê-las distantes do mundo do trabalho, para se dedicarem, exclusivamente, à perpetuação da espécie, cuidando da prole e do lar. Nessa perspectiva, de acordo com Duarte (1997, p. 57), era importante incentivar nelas o sentimento de “renúncia de vaidades pessoais e o abandono de qualquer pretensão intelectual”. A ideia de as mulheres serem entes de segunda classe estava tão arraigada na sociedade que elas próprias se viam como tais. A naturalização dessas concepções a respeito da subjetividade feminina impunha à mulher a perpetuação desse comportamento, como forma de angariar reconhecimento social. Segundo Bourdieu, instaura-se uma violência simbólica

por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...], resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu poder social é produto. (2007, p. 47).

Mulheres como Bisa Bia repetiam comportamentos estereotipados sem questionamentos, pois não se vislumbrava, no horizonte de expectativas do universo feminino da época, mais que a realização pelo casamento, pela maternidade, pela dedicação exclusiva ao lar. Duarte (1997) lembra o caso de Laure Surville, irmã de Balzac, que sentia orgulho em poder ajudá-lo, dando-lhe ideias e temas para seus escritos. Mesmo tendo publicado alguns contos, usando pseudônimo, ela permaneceu sem reconhecimento. A autora aponta, também, que não foi só no campo das letras que situações assim aconteceram: basta mencionar a esposa de Robert Schuman, a pianista Clara Wieck, cujas partituras foram incorporadas à obra do marido. Na verdade, afirma Schneider (2000, p. 120), “as mulheres tradicionalmente defrontaram-se com

representações do feminino construídas a partir do olhar masculino”. Burke (2002, p. 76), retomando Ardener (1975), observa que, “em metáfora contundente, as mulheres foram descritas como exemplo de um grupo ‘abafado’ somente capaz (em muitas vezes e lugares) de expressar suas ideias por meio da linguagem dos homens dominantes”.

Isabel constrói seu próprio universo, à medida que transita entre experiências vivenciadas pela bisavó Bisa Bia – Beatriz – e as ideias de sua bisneta, Neta Beta – projeção de futuro. Narrada em primeira pessoa, a história gira em torno da protagonista que, a partir do momento em que trava conhecimento com Bisa Bia – através de uma fotografia da bisavó quando menina –, passa a conviver com outras formas de vivência. Ela descobre que Bisa Bia

não gosta de ver menina usando calça comprida, *short*, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas ideias assim esquisitas. Por ela, menina só usava vestido, saia, avental, e tudo daqueles bem bordados, e de babado. (MACHADO, 1985, p. 18).<sup>1</sup>

Também passou a entender que para a bisavó havia brincadeiras só de meninos e outras só de meninas, aliás, para as meninas, o ideal é que permanecessem muito quietas, sem se envolver em correrias e desalinhos: “– Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada.” (p. 18). Essa dicotomia de comportamento vai ao encontro do pensamento de Kusnetzoff quando afirma que “os papéis sociais são aprendidos no processo evolutivo de todo ser humano”. As meninas, continua o autor,

são claramente recompensadas pelos pais ou pelos amigos quando cumprem o que se *espera* delas, como meninas. Se brincam “de mamãe e papai”, se são delicadas e não agridem, recebem sorrisos, palavras de elogio, e haverá mil e uma oportunidades para se sentirem amadas. (1988, p. 20-21).

---

<sup>1</sup> As citações referentes a esta obra, constantes neste artigo, pertencem à mesma edição, portanto, nas seguintes, será indicado apenas o número da página entre parênteses.

Naturaliza-se, desse modo, um modelo falacioso de educação, levando a mulher a repetir o desenho imposto, como forma de alcançar um espaço de reconhecimento no grupo social.

Quando Isabel extravia o retrato de Bisa Bia menina, num primeiro momento, preocupa-se com o fato, pois prometera à mãe que cuidaria com desvelo daquela fotografia, entretanto, em seguida, conclui que a bisavó, agora, estava grudada na pele dela, como tatuagem, mas “pelo lado de dentro [...] não dá para ninguém mais ver. Feito uma tatuagem transparente, ou invisível”. (p. 20). Desse momento em diante, ela entabula “longas conversas” com Bisa Bia, através das quais inicia um processo de juntar as pontas do tempo, de um tempo remoto, quando “a gente lavava o rosto no quarto mesmo, e sempre tinha uma bacia e um jarro d’água, com uma toalha limpinha do lado”, com os dias atuais, tempo do “congelado, enlatado, desidratado, ensacado, emplastado...” (p. 24-25). No entanto, muito mais que as roupas, os móveis, as comidas, a linguagem da época de Bisa Bia, impressiona Isabel a forma como a bisavó encara os costumes do momento presente. Certa feita, quando Isabel não pôde cantar por estar com dor de garganta, pôs-se a assoviar, levando a bisavó a reagir de forma contundente: “– Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim... [...] O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua.” (p. 30). Desde sempre, em sua socialização, lembra Rocha-Coutinho (1994), a criança é colocada a desempenhar atividades estereotipadas, forjando, paulatinamente, diferenças psicológicas e acentuando a assimetria entre os sexos. Assim, ao contrário dos homens, “as meninas eram encorajadas a serem dóceis, boazinhas, úteis, prestativas, cooperativas, cordiais, tolerantes, compreensivas, a não incomodarem as pessoas e a não dizer não”. (p. 59). Nessa dimensão, o sujeito feminino constitui-se sem discurso próprio, amorfo, repetindo estereótipos, construindo-se a identidade da mulher a partir da divisão social entre o público e o privado, panorama em que se desenha, diversamente, o comportamento adequado ao homem e à mulher, cabendo a essa aprender, muito cedo, a lição da desvalorização, que visa à sua sujeição à ideologia hegemônica.

Não é apenas no relacionamento com a bisavó que Isabel percebe as diferenças de comportamento; também com os amigos ocorrem discrepâncias. Quando ela, Sérgio – o menino de quem gosta de forma especial – e Marcela pensam em comer goiabas do quintal de Dona

Nieta, as duas meninas reagem de forma diversa diante do portão trancado. Enquanto Isabel resolve a questão pulando o muro juntamente com Sérgio, Marcela permanece do lado de fora, porque: “– Eu não posso – explicou Marcela. – Mamãe disse para eu não me sujar, que ia estragar minha roupa toda. E eu nem sei fazer essas coisas de moleque...” (MACHADO, 1985, p. 33). Se, num primeiro momento, Sérgio parece entender a atitude da menina, prometendo que lhe traria uma goiaba – o que suscitou o desapontamento de Isabel –, no instante seguinte, pela voz do menino, a protagonista recebe o reconhecimento por sua autenticidade:

Você é mesmo a menina mais legal que já conheci, não é feito essas bobonas por aí, que parece que vão quebrar à toa. Tem horas que eu tenho vontade de casar com você quando crescer. Pelo menos, assim meus filhos não iam ter uma mãe chata feito tantas que têm por aí. (MACHADO, 1985, p. 35).

A goiaba que Sérgio leva para Marcela estava no chão e bichada, ainda que Isabel sugira que ele suba na goiabeira para apanhar outra fruta. E a voz narrativa, cheia de si, deixa transparecer a satisfação diante do ocorrido: “E foi assim que Marcela, Marcelinha ganhou uma goiaba velha velhinha, bichada bichadinha. E enquanto ela reclamava com aquela voz de choro chorinho, fui para casa com o coração sambando aos pulos. Cada pulo pulão.” (MACHADO, 1985, p. 35). Entretanto, Isabel tivera que desconsiderar o conselho de Bisa Bia para poder acompanhar o menino, pois a bisavó ouvira Sérgio dizer: “– E você sobe em árvore feito um menino.” (1985, p. 34). Para a bisavó isso soara como um demérito para a conduta da menina:

– Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ele fica pensando que você é um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você. (1985, p. 34).

Naquele momento, Isabel ouve novamente a voz fraquinha que a incentiva a fazer aquilo que tivesse vontade. Desta vez, a voz lhe dizia: “Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só

pode ser porque ele é um bobo e não merece que você goste dele. Fica firme.” (1985, p. 34). A protagonista preferiu seguir esse conselho, apesar de não estar entendendo nada dessa nova voz, afinal, quem seria? Entretanto, essa voz estava sintonizada com Isabel, pois a estimulava a ir adiante, a não ter medo do desconhecido e a enfrentá-lo com coragem.

A protagonista fica muito intrigada, quando, finalmente, a voz que lhe dizia para lutar por suas verdades, buscar seu próprio caminho, aparece na figura de Neta Beta, sua bisneta, que vem do futuro para conhecê-la pessoalmente. Ela reconhece que se ficasse quietinha, só vendo Bisa Bia e Isabel, “não tinha perigo nenhum. Mas se eu falasse – como acabei falando – corria o risco de que você me ouvisse, Bisa Bel. E então... [...] E então, um pouco de mim vai ficar para sempre morando dentro de você”. (1985, p. 47). Bisa Bia entra na conversa para saber se há lugar para ela nesse diálogo, ao que Neta Beta responde: “– Tem que ter. E pelo jeito, a gente vai discutir um bocado.” (1985, p. 47). Ela também constata que os palpites de ambas eram muito diferentes, o que causaria dúvidas para Isabel. Entretanto, essa já havia percebido que só a ela cabia suas próprias escolhas:

Impossível saber sempre qual o melhor palpite. Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu coração quer-porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita, cutum-cutum-cutum, com ele... Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me entendendo um pouco – e às vezes isto me basta. (1985, p. 48).

O percurso que Isabel empreende a conduz para a autonomia. Ocorre a transformação da protagonista que, agora, alcança a percepção de outros jeitos de viver: “Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda.” (1985, p. 56). Essa capacidade de relativizar circunstâncias de vida só se concretiza à medida que a menina entende que há formas diferentes de perceber o mundo, que não há respostas definitivas, e que convenções fixas podem ser modificadas. A protagonista descobre que “nada é de

repente” (1985, p. 56), que quando se buscam raízes profundas, pode-se “aproveitar o que cada um já fez antes para melhorar”. (1985, p. 56) e que é possível inventar todos os dias um novo jeito de viver. A heroína depara-se com a descoberta de que passado, presente e futuro fazem parte dela e, do entendimento dessa confluência surge a consciência de si mesma: “Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, dividido em três partes e vou cruzando com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bel, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela.” (1985, p. 56). A heroína alcança, na integração entre passado e futuro, a essência de si mesma; sua identidade consolida-se na capacidade de transgredir o estabelecido, na busca de novas alternativas de vivências, na possibilidade de autonomia e de aprendizado contínuo, oferecendo ao leitor mirim um modelo reasegurador de vida.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (trans) formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- FELSKY, Rita. *The gender of modernity*. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1995.
- KUSNETZOFF, J. C. *A mulher sexualmente feliz*. Trad. de Talita Macedo Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura?* Petrópolis: Vozes, 1969.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1985.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (trans) formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da Universidade; UFRGS, 1995.
- SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antonio (Org.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Trad. de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SOIHET, Raquel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, N. (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.